



# Licenciatura em Espanhol

**Teoria da Literatura I**  
Ana Santana Souza  
Ilane Ferreira Cavalcante



**Forma e Conteúdo na Poesia II:  
O lirismo moderno**

Aula 10



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República  
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação  
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES  
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN  
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN  
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN  
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN  
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância  
de Licenciatura em Letras-Espanhol  
CARLA AGUIAR FALCÃO

## TEORIA DA LITERATURA I

Aula 10

Forma e Conteúdo na Poesia II:  
O lirismo moderno

Professor Pesquisador/conteudista  
ANA SANTANA SOUZA  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de  
Material Didático  
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de  
Material Didático  
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística  
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico  
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação  
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração  
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

---

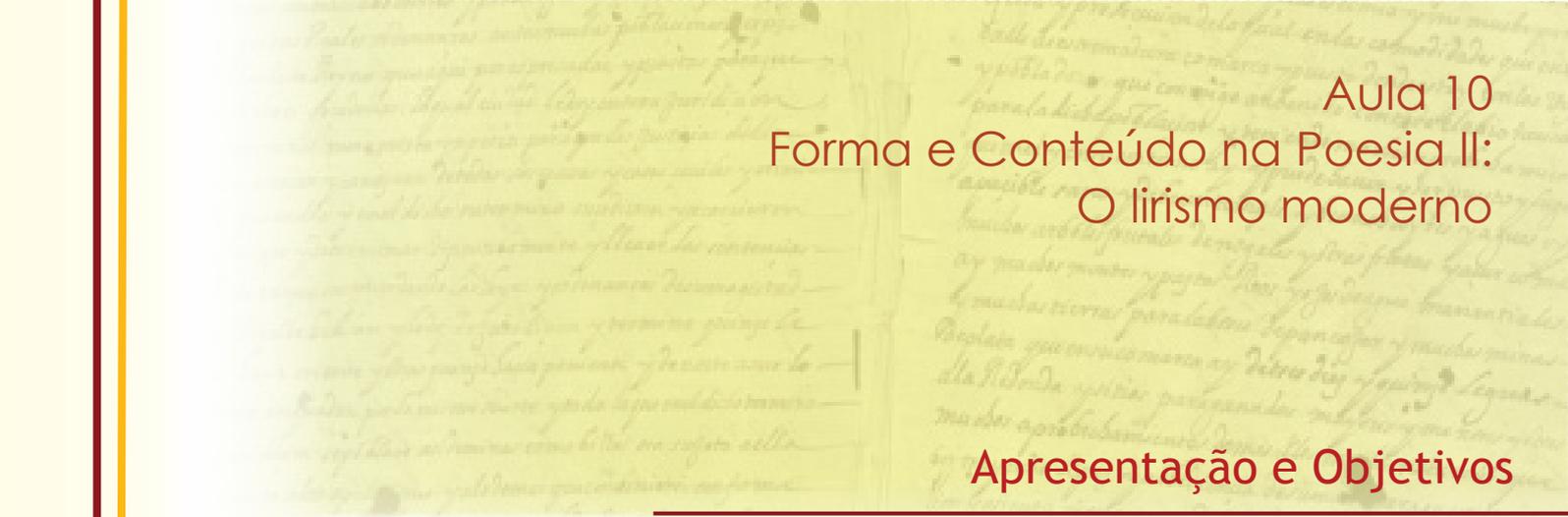
C837i Souza, Ana Santana.  
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira  
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.  
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.  
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0

---



## Aula 10 Forma e Conteúdo na Poesia II: O lirismo moderno

### Apresentação e Objetivos

---

Olá, continuamos nossas aulas sobre a forma e o conteúdo da poesia. Nesta aula, vamos trabalhar com a lírica moderna, mas antes de chegarmos à modernidade, precisamos conhecer um pouco da história da poesia lírica e como ela passou de uma poesia ignorada por Aristóteles em sua poética a uma forma poética privilegiada pela grande maioria dos poetas. Ao final desta aula, pretendemos que você possa:

- conhecer a história da poesia lírica;
- compreender os elementos que caracterizam a poesia lírica.



## Para Começar

### A Átis

Não minto: eu me queria morta.

Deixava-me, desfeita em lágrimas:

“Mas, ah, que triste a nossa sina!

Eu vou contra a vontade, juro,

Safo”. “Seja feliz”, eu disse,

“E lembre-se de quanto a quero.

Ou já esqueceu? Pois vou lembrar-lhe

Os nossos momentos de amor.

Quantas grinaldas, no seu colo,

— Rosas, violetas, açafão —

Trançamos juntas! Multiflores

Colares atei para o tenro

Pescoço de Átis; os perfumes

Nos cabelos, os óleos raros

Da sua pele em minha pele!

[...]

Cama macia, o amor nascia

De sua beleza, e eu matava

A sua sede” [...]

Cai a lua, caem as plêiades e

É meia-noite, o tempo passa e



Fig. 01 - Safo

Safo (630 a 612 a.C.). Poetisa grega que viveu no importante centro cultural de Mitilene, na ilha de Lesbos. Censurada pela igreja na Idade Média, pelo conteúdo erótico de sua poesia. Restam poucos fragmentos de sua obra hoje em dia.

Para saber mais: [http://www.germinaliteratura.com.br/literat\\_dez.htm](http://www.germinaliteratura.com.br/literat_dez.htm)

Eu só, aqui deitada, desejante.

— Adolescência, adolescência,

Você se vai, aonde vai?

— Não volto mais para você,

Para você volto mais não.

(SAFO. Disponível em: <http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia08.html>  
Acesso em 04 fev. 2012)

O poema de Safo é uma declaração de amor e, ao mesmo tempo, o lamento pela perda da amada. Nela, a poetisa, ou sua voz no poema, lamenta que aquela a quem tanto ama, provavelmente Átis, a quem o poema é dedicado, se vá para sempre. Essa perda a faz rememorar não só o diálogo da despedida, mas os momentos bons que ambas passaram juntas. A amada se vai e toda a natureza ao redor parece refletir essa perda, é meia-noite, e ela está só e desejante. Deseja não só a amada que se foi, mas deseja o retorno a um tempo que era de felicidade e juventude. Dessa forma, a amada passa a representar não só uma pessoa, mas um período, a adolescência, que ela também perde para sempre. Esse é um poema bastante subjetivo que retrata os sentimentos do poeta, e é sobre isso que vamos tratar, primordialmente, quando estudarmos a poesia lírica. Vamos à aula?

Assim é



A origem da poesia lírica está na Grécia. Era, originalmente, como muitas outras formas literárias, aliás, feita para ser acompanhada por instrumentos musicais como a lira e a flauta. Por esse motivo, a poesia acabou recebendo o nome do instrumento musical que a acompanhava.

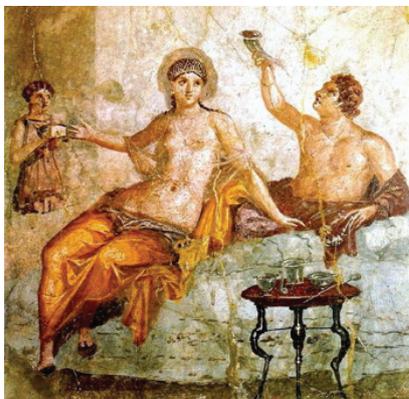


Fig. 02 - Ilustração romana

Safo, que você leu na abertura desta aula, é a primeira voz lírica de que se tem registro e sua poesia expressa os principais elementos que caracterizam esse gênero poético. No entanto, esse é um gênero que se concretiza em muitas formas. Ou seja, há poesias líricas com formas fixas, como o soneto, há poesias líricas sem forma fixa; com versos metrificados ou livres. Há as que possuem versos rimados e as que possuem versos brancos. Ou seja, a poesia lírica não se caracteriza por

uma forma, mas por uma postura. Ela existe para expressar os sentimentos do poeta, para extravasar impressões. Talvez, por essa razão, não tenha sido valorizada por Aristóteles em sua poética.

Em Roma, a poesia lírica floresceu sob os auspícios do imperador Augusto. Os primeiros poetas líricos surgem no círculo de **Catulo** (por volta do século II a. C.). Eles se inspiram na poesia grega alexandrina do século IV a. C. e cultivam principalmente o epigrama erótico. Aos poucos esse tipo de poesia cresce e se reafirma como um gênero apropriado para a expressão da individualidade e para a reflexão.

Vivemos, minha Lésbia, amemos sempre,  
E os rumores dos velhos rabugentos  
Saibamos desprezar, tê-los em nada.  
O sol pode morrer, tornar de novo;  
Nós, se uma vez a breve luz nos morre,  
Uma e perpétua noite dormiremos.  
Oh! mil beijos me dá, depois um cento,  
E mil outros depois, mais outro cento,  
E outros mil, e outros cem; e quando ao cabo  
Muitos milhares ajuntarmos deles,  
Em maga confusão juntá-los-emos.  
Que não saibamos nós, que ninguém saiba  
Nem maldoso nenhum possa invejar-nos  
Se de tantos souber, tão doces beijos.

(CATULO. Disponível em: <http://primeiros-escritos.blogspot.com/2007/05/catulo-5-duas-tradues.html> Acesso: 04 de fev. 2012.)

A poesia de Catulo se volta para uma musa que é referência e homenagem à poetisa grega Safo, Lésbia. Em geral, ele se debruça sobre dois grandes temas: a poesia de amor e a poesia satírica e você pode observar não só a expressão dos sentimentos, típica do lirismo, como também a opção pelo erotismo, também recorrente, desde Safo.



Fig. 03 - Catulo

Depois, entre a Idade Média e o século XVIII, a poesia lírica se desenvolveu através dos provençais. Com ênfase à melopeia, o apego à sonoridade/musicalidade na construção do poema. Os trovadores eram os poetas de origem nobre que compunham poesias e melodias para acompanhá-las. Aqueles poetas de origem mais pobre eram denominados jograis em contraste com o trovador. Também eram denominados jograis aqueles que interpretavam a poesia de outrem.



Fig. 04 - ilustração medieval

A lírica medieval conhecida como poesia provençal ganha esse nome por ter surgindo na região da Provença, no sul da França. Essa poesia pode ser categorizada em cantigas lírico-amorosas (cantigas de amor e cantigas de amigo) e em cantigas satíricas (de escárnio e maldizer). Vamos conhecer um pouco sobre cada uma delas.

As cantigas de amor, apresentam a posição de “vassalagem amorosa” do eu-lírico em relação à amada. Ele se dirige à mulher amada que é representada de forma idealizada e distante. O poeta se coloca a serviço de sua dama, em geral, uma senhora da corte, e torna seu amor um objeto de sonho inatingível. Ele sofre porque não pode conquistá-la e ela rejeita a sua aproximação.

Nesse tipo de poesia, o eu-lírico chama a sua amada de mia senhor (pois as palavras terminadas em or (em galego-português) não tinham feminino. Ele canta as qualidades de sua amada

As cantigas de amigo são um tipo de poesia cuja origem é mais ibérica e não provençal. Nelas, ao contrário da anterior, se apresenta um eu-lírico feminino (embora o autor pudesse ser homem). Assim, sob essa perspectiva, é a mulher que canta seu amor pelo amigo (namorado), e escolhe, para isso, em geral, uma ambientação natural. Ou seja, canta em meio à natureza e pode também estar em diálogo com sua mãe ou com amigas. A mulher que fala não é uma dama da corte, mas uma pessoa comum; portanto, não se apresenta nela uma posição de vassalagem amorosa, como na anterior. Muitas vezes, também, se pode identificar como tema dessa poesia o sofrimento da mulher pela perda de seu amado que fora para a guerra. Vamos ver uma das cantigas de amigo das mais famosas, cuja autoria é do sexto rei de Portugal, D. Dinis, também chamado o Rei-poeta, por seus pendores trovadorescos:

“Ai flores, ai flores do verde pino,  
se sabedes novas do meu amigo!  
ai Deus, e u é?  
Ai flores, ai flores do verde ramo,  
se sabedes novas do meu amado!



Fig. 05 - Trovadores

ai Deus, e u é?  
Se sabedes novas do meu amigo,  
aquele que mentiu do que pôs comigo!  
ai Deus, e u é?  
Se sabedes novas do meu amado,  
aquele que mentiu do que mi há jurado!  
ai Deus, e u é?"

(DINIS, Disponível em: [http://pt.wikisource.org/wiki/Ay\\_flores!\\_ay\\_flores\\_do\\_verde\\_pyno](http://pt.wikisource.org/wiki/Ay_flores!_ay_flores_do_verde_pyno) Acesso em: 04 de fev. 2012).

Observe a repetição do refrão que questiona onde está o amigo que se fora (ai Deus, e u é?), que traz uma preponderância da musicalidade ao poema. E a temática que cerca as cantigas de amigo: uma voz lírica feminina lamenta a perda de um amado que se fora.

A lírica provençal tem grande influência na produção poética dos mais importantes autores das literaturas ocidentais ao final da Idade Média e no renascimento, caso do italiano Dante Alighieri e de Petrarca. Este último, aliás, tem uma influência marcante na poesia lírica do português Luís de Camões, cujos versos épicos você leu na aula anterior, mas que também apresenta uma importante produção lírica. Com certeza você conhece o poema abaixo:

Amor é fogo que arde sem se ver;	É querer estar preso por vontade
É ferida que dói e não se sente	É servir a quem vence, o vencedor;
É um contentamento descontente;	É ter com quem nos mata lealdade.
É dor que desatina sem doer.	
	Mas como causar pode seu favor
É um não querer mais que bem querer;	Nos corações humanos amizade,
É um andar solitário entre a gente;	Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
É nunca contentar-se de contente;	
É um cuidar que se ganha em se perder.	

Bem, vamos aproveitar o poema de Camões, que todo mundo já leu ou ouviu algum dia, para darmos uma paradinha e refletir sobre o que estudamos até aqui.



1. Cite quatro elementos que caracterizem a poesia lírica.

---



---

2. Esquematize, na tabela abaixo, os elementos que, a cada Período histórico, vão se apresentando na poesia lírica.

Período	Temas da poesia lírica
Antiguidade Grega	Subjetividade Acompanhamento de instrumentos musicais
Antiguidade Romana	
Idade Média	

---



---



---



---

Você viu, através de Camões, a presença da lírica medieval ainda no Renascimento, o que pode demonstrar o quanto a poesia lírica desse período é importante. No final da Idade Média, surge o que se costuma denominar como *dolce stil nuovo*, uma expressão em italiano que significa *doce estilo novo*. Mas o que é isso? Vamos ver?

O doce estilo novo designa um movimento da poesia italiana que surgiu na Toscana entre os séculos XII e XIV entre os poetas Guido Guinizelli, Dante Alighieri, Guido Cavalcanti, entre outros. Dante foi o primeiro a utilizar a expressão em sua *Divina Comédia*, ao falar sobre seu encontro com o poeta florentino Bobagiunta da Lucca no Purgatório. Esse estilo sucede a lírica trovadoresca e traz novas características. A primeira, e talvez mais importante delas, é a nova concepção de amor que ela traz, que foge ao modelo anterior de vassalagem, própria da sociedade feudal, e inicia o princípio da gentileza, mais apropriado a uma sociedade burguesa. Nessa nova ideia, o amor surge em corações verdadeiros, a que não importa a nobreza ou o status social.

Bem, surge daí, também, uma nova forma de representar a mulher amada, que passa a ser vista como um anjo provocante, que suscita bons sentimentos como bondade, perfeição moral e elevação espiritual. Diante dessa mulher angelical, o homem enamorado busca encontrar o amor entre o encanto por ela e o receio de ser abandonado ou de se ver privado da sua amada.

O poeta italiano Francesco Petrarca (1304 a 1374) pertence já ao momento final desse movimento e é considerado o inventor do **soneto**, uma forma fixa de caráter lírico das mais utilizadas após o Renascimento.

### SONETO 31

Esta alma gentil que partiu,  
antes do tempo, chamada à outra vida,  
terá no céu segura acolhida  
terá do céu a mais beata parte.

Se ela ficar entre a terceira luz e Marte,  
será a vista do sol descolorida  
depois virá, toda alma ao céu subida  
em torno dela olhar sua beleza infinita

Se pousar abaixo do quarto ninho,  
nenhuma das três será mais bela,  
que esta só, espalhada a fama e o grito;

No quinto giro não chegara ela;  
mas se voar mais alto, em muito confio  
ser vencido Júpiter e cada outra estrela.

(PETRARCA. Disponível em: [http://elpoeta.multiply.com/reviews/item/281?&show\\_interstitial=1&u=%2Freviews%2Fitem](http://elpoeta.multiply.com/reviews/item/281?&show_interstitial=1&u=%2Freviews%2Fitem). Acesso em 24 de maio. 2012)

Perceba que o poeta se refere, neste soneto, à perda de sua amada, que morre e que ele considera tão importante e bondosa que, ascendendo aos céus ela pode escolher o que se tornará. Se ficar entre a terceira luz (a Terra) e Marte, ela poderá tapar a luz do sol, de tão grandiosa. Poderá ainda escolher ficar em outro lugar (abaixo do quarto planeta) ou no lugar do quinto planeta. Em cada um desses lugares, ela causará uma

O soneto é uma forma fixa caracterizada, primordialmente, por ter 14 versos. Esses versos podem ser divididos em dois quartetos e dois tercetos, modelo petrarquiano, ou ser dividido em três tercetos e dois dísticos finais, que seria o modelo inglês, shakespeariano. Ou então, simplesmente não ser dividido em estrofes. Você pode estudar mais sobre o soneto no livro Versos, sons e ritmos (disponibilizado para você no material complementar desta disciplina).



Fig. 06 - Petrarca e Laura

mudança no cosmos, pois será mais grandiosa que os corpos celestes. Ao fim, ele diz que ela pode vencer até Júpiter e cada outra estrela.

Bem, mas não vamos nos deter mais na Idade Média e no Renascimento, porque ainda há um longo percurso da lírica em direção à modernidade. Após a Revolução Francesa, emerge uma sociedade cada vez mais burguesa e, nesse contexto, o conceito de autoria. Um conceito que antes não era tido como tão relevante, mas que aflora agora devido ao individualismo não só da sociedade, mas da própria produção literária. Há uma tendência a explorar ao máximo as emoções ao ponto de associá-las à natureza circundante. Emerge também, nesse período, a evasão, como um mecanismo de defesa do poeta diante do sentimento de inadequação à realidade.

Ao longo do Romantismo, a poesia lírica manteve nuances que já possuía, caso de temas como o amor e o erotismo, mas também ganhou novas nuances, como um cunho social bastante característico que se revela, por exemplo, na poesia abolicionista de um Castro Alves. Veja trecho de O navio negreiro, abaixo:

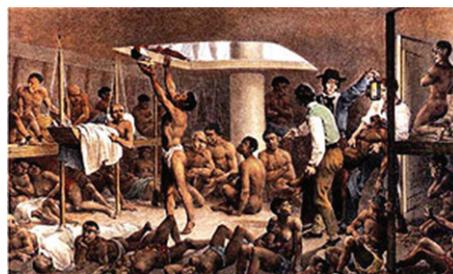


Fig. 07 - Navio Negreiro

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
Desce mais ...inda mais... não pode olhar humano  
Como o teu mergulhar no brigue voador!  
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!  
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...  
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

(ALVES. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/navionegreiro.htm> Acesso em 04 de fev. 2012.)

Nessa terceira parte do poema, Castro Alves (1847 a 1871) se utiliza da metáfora do Albatroz, que ele havia conclamado em estrofe anterior, para sobrevoar o mar e ver, através dos olhos do pássaro, o navio negreiro que singra o oceano e toda a miséria humana que o tráfico de escravos lhe suscita.

Mas é Charles Baudelaire (1821 a 1867), cuja obra, precursora do Simbolismo, que vai abrir caminho para uma estética ainda mais inovadora na poesia lírica moderna. Friedrich (1978, p. 35) afirma que "com Baudelaire, a lírica francesa passou a ser de domínio europeu, como se vê na influência que, a partir de então, exerceu sobre a Alemanha, a Inglaterra, a Itália e a Espanha."

O poeta, diz Friedrich, é o próprio criador da palavra "modernidade". Ele, por exemplo, inicia um processo de despersonalização da lírica. Isso quer dizer que, em grande medida, os poemas de Baudelaire não são explicáveis pela biografia do autor,

especificamente, perdendo aquela unidade com o poeta que manteve por muito tempo. Para Friedrich, ele abre mão do sentimentalismo pessoal em favor de uma fantasia vidente. Isso não quer dizer, no entanto, que não há um eu presente. Quase todas as poesias de seu principal livro, *As flores do mal* (1857) partem de um eu que fala. No entanto, nessas poesias não há necessariamente um debruçar-se sobre si mesmo e sobre os próprios sentimentos. Ele olha ao redor, observa a cidade, as pessoas que passam, crava os olhos nos becos noturnos, nas lápides dos cemitérios, nos animais que perambulam pelas noites da cidade.

Baudelaire, aliás, traz à luz um novo aspecto para a poesia, o grotesco, ou a estética do feio. Seus poemas, afirma Friedrich, podem oferecer “desespero, paralisia, voo febril ao irreal, desejo de morte, mórbidos jogos de excitação”, mas todos esses elementos negativos se harmonizam em uma composição absolutamente pensada, medida, organizada. Vamos conhecer um pouco da poesia de Baudelaire através do soneto a seguir:

### Os gatos

Os amantes febris e os sábios solitários  
Amam de modo igual, na idade da razão,  
Os doces e orgulhosos gatos da mansão,  
Que como eles têm frio e cismam sedentários.

Amigos da volúpia e devotos da ciência,  
Buscam eles o horror da treva e dos mistérios;  
Tomara-os Érebo por seus corcéis funéreos,  
Se a submissão pudera opor-lhes à insolência.

Sonhando eles assumem a nobre atitude  
Da esfinge que no além se funde à infinitude,  
Como ao sabor de um sonho que jamais termina;

Os rins em mágicas fagulhas se distendem,  
E partículas de ouro, como areia fina,  
Suas graves pupilas vagamente acendem.



Fig. 08 - gato

(BAUDELAIRE, 1985, p. 273)

Observe como, no poema, há alguém que observa, um eu-lírico que fala, mas não fala sobre si, observa um animal que descreve tentando dar-lhes não só altivez, mas uma nobreza obscura, permeada de um misticismo sombrio que cerca o imaginário acerca dos felinos. Esse voltar-se para o exterior é um elemento fundamental da lírica moderna e a estética do feio, ou do grotesco mesmo, trazido à tona por Baudelaire, virá a ser fonte de influência na lírica contemporânea.

Bem, com o advento das vanguardas, no início do século XX, a poesia lírica se liberta cada vez mais. Walt Whitman, ainda circunscrito ao romantismo norte-americano já havia libertado o verso das amarras da métrica, dando-lhes um ritmo incerto, e exacerbando o uso do verso livre. O verso livre vai ser a mola mestra da lírica moderna. E, após as vanguardas, serão permitidos todos os temas, todos os versos, todas as métricas. Assim como serão permitidas as aproximações da poesia com outras linguagens, além da música (sua eterna companheira). A poesia se quer coisa, se quer imagem, se quer som puro, mas essas são possibilidades poderemos explorar em outras aulas, quando falarmos sobre o som e a imagem na poesia. Por enquanto, para encerrarmos nosso passeio histórico sobre a poesia lírica, vamos nos deter a um poema do poeta Frances Arthur Rimbaud (1854 a 1891), que representa toda as possibilidades inerentes a esse gênero poético, explorando sua musicalidade, as metáforas e as temáticas inesperadas:

Oh estações, oh castelos!

E dispersou meus pensamentos.

Que alma é sem defeitos?

Ó estações, ó castelos!

Eu estudei a alta magia

Quando tu partires, enfim

Do Amor, que nunca sacia.

Nada restará de mim.

Saúdo-te toda vez

Ó estações, ó castelos!

Que canta o galo gaulês.

Ah! Não terei mais desejos:

Perdi a vida em gracejos.

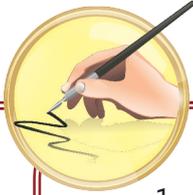
Tomou-me corpo e alento,



Fig. 09 - Retrato de Rimbaud

(RIMBAUD. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/rimbaud.htm> Acesso em: 04 de fev. 2012)

Agora, dê uma paradinha, para fazer mais um exercício e rememorar o que aprendeu nesta aula.



## Mãos à obra

1. O que é doce estilo novo e quando esse movimento surgiu? Além disso, o que ele trouxe de inovador para a poesia lírica?

---

---

---

---

2. Explique o que são a despersonalização e a estética do feio, na poesia de Baudelaire.

---

---

---

---

3. Pesquise mais acerca da lírica moderna no texto de Hugo Friedrich, *Estrutura da lírica moderna*, disponível no material complementar desta disciplina.

---

---

---

---



## Um passo a mais

Leia o texto de Ligia Vassalo sobre a lírica que está no material complementar desta disciplina. Nele você vai encontrar uma interessante reflexão sobre a poesia lírica.

VASSALO, Ligia. Da lírica. In.: **Revista Tempo Brasileiro**. Out/dez 1998. (p. 3-8)

Já sei!



Nesta aula, você estudou a origem e a evolução da poesia lírica, de Safo à modernidade. Você aprendeu que a poesia lírica se caracteriza pela subjetividade, mas ganhou, ao longo dos séculos, diversas outras possibilidades, representando não só a expressão dos sentimentos do poeta, mas passando a refletir sua inquietação social ou sua observação sobre o mundo que o rodeia. Além disso, a poesia lírica ganhou novas formas, como o soneto e se libertou da metrificação dos versos.

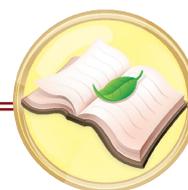
Autoavaliação



Leia o texto de Friedrich, em seu material complementar e faça uma síntese dos principais aspectos que ele aponta sobre a lírica moderna. Esse estudo vai complementar os conhecimentos que você adquiriu ao longo desta aula.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas cidades, 1978.

Referências



ALVES, Castro. **Navio negroiro**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/navionegroiro.htm> Acesso em 04 de fev. 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAMÕES. **Amor é fogo que arde sem se ver**. Disponível em: <http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v301.txt> Acesso em 04 de fev. 2012.

CATULO. **Vivemos, minha Lésbia, amemos sempre**. Disponível em: <http://primeiros-escritos.blogspot.com/2007/05/catulo-5-duas-tradues.html> . Acesso: 04 de fev. 2012.)

DOM DINIS. **Ai flores do verde pinho.** Disponível em: [http://pt.wikisource.org/wiki/Ay\\_flores!\\_ay\\_flores\\_do\\_verde\\_pyno](http://pt.wikisource.org/wiki/Ay_flores!_ay_flores_do_verde_pyno) Acesso em: 04 de fev. 2012.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna:** da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas cidades, 1978.

PETRARCA. **Soneto 31.** Disponível em: [http://www.estacio.br/rededeletas/numero8/parlaquetefabene/petrarca\\_sonetos.asp](http://www.estacio.br/rededeletas/numero8/parlaquetefabene/petrarca_sonetos.asp). Acesso em 04 de fev. 2012.

SAFO. **A Átis.** Disponível em: <http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia08.html> Acesso em 04 fev. 2012

RIMBAUD. Arthur. **Oh estações, oh castelos!** Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/rimbaud.htm> Acesso em: 04 de fev. 2012)

VASSALO, Lígia. Da lírica. In.: **Revista Tempo Brasileiro.** Out/dez 1998. (p. 3-8)

## Fonte das figuras

**Fig. 01** - <http://memorialdemauna.blogspot.com/2011/12/sappho-safo-fragment-5.html>

**Fig. 02** - <http://papelderascunho.net/?p=1092>

**Fig. 03** - [http://ocw.unican.es/humanidades/mitologia-greco-romana/mitologia-greco-romana/autores/catulo/skinless\\_view](http://ocw.unican.es/humanidades/mitologia-greco-romana/mitologia-greco-romana/autores/catulo/skinless_view)

**Fig. 04** - <http://tabernadoguerreiro.blogspot.com/2011/10/musica-na-idade-media-trovadorismo.html>

**Fig. 05** - <http://assuntosdiversos.com.br/wordpress/?p=136>

**Fig. 06** - <http://oysteinorten.blogspot.com/2011/05/francesco-petrarca-canzoniere.html>

**Fig. 07** - <http://cecrescolaclasse1.blogspot.com.br/2011/11/ii-sarau-literario-navio-negreiro-uma.html>

**Fig. 08** - <http://arcadenoe.sapo.pt/forum/viewtopic.php?p=1275653>

**Fig. 09** - [http://jorgebichuetti.blogspot.com/2011/03/bons-encontros-os-andarilhos-da-noite-4\\_04.html](http://jorgebichuetti.blogspot.com/2011/03/bons-encontros-os-andarilhos-da-noite-4_04.html)